

JOSÉ MARÍA HERNÁNDEZ DÍAZ (Coord.)

LA PRENSA PEDAGÓGICA
DE LAS CONFESIONES RELIGIOSAS
Y ASOCIACIONES FILOSÓFICAS



Ediciones Universidad
Salamanca

AQUILAFUENTE, 333

© Ediciones Universidad de Salamanca y los autores

Motivo de cubierta: Carmen González Martín

1ª edición: julio, 2022
ISBN: 978-84-1311-699-0 (impreso)
ISBN: 978-84-1311-700-3 (PDF)

Depósito legal: S 276-2022
DOI: <https://doi.org/10.14201/0AQ0333>

Ediciones Universidad de Salamanca
Plaza San Benito s/n
E-37002 Salamanca (España)
<http://www.eusal.es>
eusal@usal.es

Hecho en UE-Made in EU


Diseño, edición y composición: Alexia Cachazo Vasallo


Impresión y encuadernación:
Nueva Graficesa S.L.
Teléfono: 923 26 01 11
Salamanca (España)


Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego



Usted es libre de: Compartir — copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato
Ediciones Universidad de Salamanca no revocará mientras cumpla con los términos:

 Reconocimiento — Debe reconocer adecuadamente la autoría, proporcionar un enlace a la licencia e indicar si se han realizado cambios. Puede hacerlo de cualquier manera razonable, pero no de una manera que sugiera que tiene el apoyo del licenciador o lo recibe por el uso que hace.

 NoComercial — No puede utilizar el material para una finalidad comercial.

 SinObraDerivada — Si remezcla, transforma o crea a partir del material, no puede difundir el material modificado.

Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE
Unión de Editoriales Universitarias Españolas www.une.es

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego



Catalogación de editor en ONIX accesible en <https://www.dilve.es/>

A EDUCAÇÃO MORAL DAS CRIANÇAS NA REVISTA SAÚDE E LAR (1942-1960)

Carla VILHENA

Universidade do Algarve/ CEIS20, GRUPOEDE, Universidade de Coimbra

António GOMES FERREIRA

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra/ CEIS20,
GRUPOEDE, Universidade de Coimbra

Luís MOTA

,Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra/CEIS20,
GRUPOEDE, Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

As ideias sobre as crianças, quer no que diz respeito às suas características, quer à forma como se deve processar a sua educação, são profundamente marcadas pelo contexto social, cultural, político em que emergem. Vários estudos têm permitido mostrar que estas não só variam ao longo tempo, mas também no mesmo tempo histórico e no mesmo espaço geográfico (e.g. Hulbert, 2004; Stearns, 2003).

Uma dos factores que afeta a forma como é percebida a criança, assim como as práticas educativas que se consideram mais adequadas é a religião (Godina, 2014; Petro et al., 2018).

No que diz respeito à tradição cristã, Hoffman et al. (2017) verificaram que as igrejas que fazem uma análise histórica da Bíblia, como os católicos, e as Igrejas que adoptam uma postura mais conservadora e defendem uma leitura literal do livro sagrado, tais como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, são aquelas que mais se diferenciam em relação às concepções da criança e às ideias sobre o processo educativo. Estas diferenças são particularmente visíveis nos discursos acerca da educação moral das crianças (e.g. Bartkowski & Ellison, 1995; Bartkowski & Wilcox, 2000).

A análise dos discursos produzidos pelos protestantes conservadores (Bartkowski & Ellison, 1995; Godina, 2014; Hoffman et al., 2017) revelou que estes assentam em dois princípios teológicos: 1) a interpretação literal da Bíblia,

considerada a fonte de toda a verdade e de informação; e, 2) uma concepção evangélica da criança, fruto da crença de esta nasce com uma tendência natural para o mal. Estes princípios servem como argumentos legitimadores de práticas educativas que se centram no respeito pela autoridade paterna e na valorização da obediência, na ênfase no controlo em detrimento da autonomia e, numa visão favorável das punições e dos castigos corporais (Bartkowski & Ellison, 1995, 2009; Bartkowski & Wilcox, 2000; Ellison & Bradshaw, 2009; Gershoff et al., 1999).

O discurso dominante, marcado pela nova psicologia que surge nos pós II Guerra Mundial (Rose, 1999) tem como eixo estruturante a preocupação com o desenvolvimento socioemocional da criança e a produção da criança socialmente ajustada (Rose, 1999; Stearns, 2003; Vilhena & Ferreira, 2014). Subjacente a este discurso está a conceção da criança como um ser frágil e a ênfase na importância das relações que estabelece com os outros, designadamente com os pais, para a sua saúde mental, presente e futura (Stearns, 2003; Vilhena & Ferreira, 2014). Para que o processo de desenvolvimento da personalidade ocorra normalmente os pais devem satisfazer as necessidades das crianças e utilizar técnicas de disciplinarização que assentem na negociação (Bartkowski & Ellison, 1995; Stearns, 2003; Vilhena & Ferreira, 2014).

Apesar das divergências evidentes entre o discurso dominante e o discurso dos conservadores protestantes, tal não significa que os conservadores não sejam permeáveis ao discurso dominante sobre a educação da criança. Hoffman et al. (2017) identificaram, com base na análise da literatura sobre esta temática, a existência de diferentes tipos de relação entre estes dois discursos: 1) polarização cultural, caracterizada por um distanciamento entre o discurso dominante e o conservador protestante; 2) convergência cultural, quando existe uma aproximação entre os dois discursos; e, 3) negociação subcultural, quando estamos perante uma apropriação seletiva do discurso dominante.

A análise do discurso pedagógico dos protestantes em Portugal tem sido alvo de pouco interesse. Contudo, são de salientar os trabalhos realizados por Afonso (2018a, 2018b), acerca dos discursos e das instituições educativas protestantes, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Face à parca investigação existente sobre esta temática, é nosso propósito contribuir para a compreensão do discurso pedagógico protestante que circulou no nosso país, mais particularmente, do discurso acerca da educação moral das crianças veiculado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, nas décadas de 40 e 50 do século XX. A opção por este intervalo de tempo deve-se ao facto de ser um período em que, como anteriormente referido, se assistiu a uma transformação nos discursos dominantes sobre a educação das crianças e ao surgimento de uma abordagem menos consentânea com o ideário educativo dos adventistas.

Neste sentido, elegemos como fonte a revista *Saúde e Lar*, publicada pela editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia portuguesa, a Publicadora Atlântico. À semelhança do que aconteceu noutros países (Bellotti, 2021) a revista servia para divulgar os princípios doutrinários da Igreja Adventista e, simultaneamente, guiar os seus membros no processo de salvação, indicando-lhes como deviam proceder nas mais variadas situações (e.g. preservação da saúde, gestão do lar, educação das crianças).

Para compreender o discurso adventista sobre a educação das crianças tornou-se necessário conhecer o ideário educativo desta Igreja. Assim, começámos por fazer uma breve descrição deste ideário, para, em seguida, apresentar a análise dos discursos veiculados na revista *Saúde e Lar*.

O IDEÁRIO EDUCATIVO ADVENTISTA

Para compreender o ideário educativo adventista recorreremos às análises das obras de Ellen G. White (1827-1915), co-fundadora desta Igreja, “Fundamentos da Educação Cristã”, “Fundamentos do Lar Cristão” e “Orientação da crianças”. Estas obras reúnem um conjunto de textos escritos pela autora e publicados entre a década de 80 do século XIX e a data da sua morte.

Tal como os restantes conservadores protestantes, o discurso de Ellen White assenta em dois pilares principais: a Bíblia como principal fonte de informação e aconselhamento acerca de todos os aspetos relacionados com a conduta humana e uma concepção evangélica da criança, no sentido em que entende que as crianças têm “inclinações pecaminosas naturais” (White, 1954, p. 136), que devem ser eliminadas.

A formação do carácter é, assim, o objetivo central de uma educação cristã, na qual os pais desempenham um papel essencial:

O círculo familiar é a escola em que a criança recebe suas primeiras e mais duradouras lições. Por isso devem os pais demorar-se mais no lar. Por preceito e exemplo devem ensinar aos filhos o amor e o temor de Deus; devem ensinar-lhes a ser compreensivos, sociáveis, afetivos; a cultivar hábitos industriais, de economia e abnegação. Dando aos filhos amor, simpatia e encorajamento no lar, os pais podem prover-lhes um seguro e aprazível refúgio contra muitas tentações do mundo. (White, 2003, p. 55)

Como se pode observar, pela análise do excerto acima transcrito, a modelação da mente da criança deve ser feita não só através do exemplo, do elogio dos comportamentos adequados, numa atmosfera onde reine o amor e a alegria, mas também pela transmissão de valores consentâneos com o ideário adventista (e.g. o respeito pela autoridade e pela felicidade dos outros, a temperança e a abnegação; o gosto pelo trabalho, pelo asseio e a ordem; a cortesia).

Não se deve, porém, confundir amor e simpatia com falta de firmeza, particularmente quando se trata de controlar e corrigir o comportamento da criança. A obediência, ou seja, a submissão da vontade da criança à vontade do adulto, é algo a que os adultos devem habituar, desde cedo, as crianças:

Pais, deveis começar vossa primeira lição de disciplina quando vossos filhos são crianças de colo. Ensinai-lhes a submeter sua vontade à vossa. Isso se pode fazer mantendo a justiça e a firmeza. Os pais devem ter inteiro domínio sobre si mesmos, e com brandura, mas com firmeza, dobrar a vontade da criança até que ela nada espere senão ceder aos desejos deles. (White, 1954, p. 229)

O respeito pela autoridade dos pais e sobretudo de Deus, é considerado essencial para que a criança se mantenha no caminho do bem, para que aprenda a dominar as suas vontades. Só assim se atinge a salvação e a vida eterna, objetivo último dos crentes na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Note-se que embora se defenda que este processo deve ser realizado com bondade, também se afirma que “algumas vezes a vara é necessária” (White, 1954, p. 159). Como Ellen White (1954) explica: “se medidas mais brandas se mostrarem insuficientes, deve administrar-se com amor o castigo que levará a criança à compreensão de seus deveres” (p. 159). Tal justifica-se não só pela preocupação com a salvação da criança, mas também com a salvação dos pais que, segundo White (1954), serão julgados no dia do Juízo Final pelo carácter dos seus filhos.

Apresentados os elementos essenciais do ideário educativo adventista, passaremos à análise dos discursos sobre a educação moral veiculados na revista *Saúde e Lar*.

2.- A EDUCAÇÃO MORAL DA CRIANÇA NA REVISTA *SAÚDE E LAR*

Educar os filhos, formar-lhes o carácter, é a principal responsabilidade e dever dos pais, que devem transmitir os valores e os princípios adventistas, tais como o gosto pelo trabalho (e.g. ... e Lar, 1953a; Spalding, 1952), a honestidade (e.g. ... e Lar, 1953a; Tornemo-lo atractivo, 1945), o amor pelo próximo (e.g. Tièche, 1952) e a cortesia (e.g. Tièche, 1953).

Para que este processo seja eficaz os pais devem estabelecer uma relação de camaradagem com as crianças (Spalding, 1952), que permita que “a criança viva com uma total confiança naqueles que a dirigem” (Bersot, 1952, p. 13). A confiança dos filhos nos pais é tida como particularmente importante, uma vez que se considera que é este sentimento que está na base do respeito pela autoridade (e.g. Bersot, 1952; Lima, 1954), elemento essencial do ideário educativo adventista.

Na formação do carácter da criança deve-se ainda ter em conta a *atmosfera do lar* (Consultório familiar, 1951). A criança deverá crescer num lar em que os valores adventistas são respeitados e que tenha um ambiente alegre, calmo e afetuoso: “O ambiente do lar, desse lar que deve reunir todo um mundo de afecto e de felicidade, deve ser calmo, tranquilo e pacífico” (O ambiente familiar, 1957, p. 10).

Ainda que o texto acima transcrito seja um exemplo do discurso dominante na revista *Saúde e Lar*, e surja sobretudo em artigos escritos por educadores adventistas, como Maurice Tièche ou Arthur Spalding, é de realçar a existência de alguns textos (Montessori, 1952; Robin, 1957; Vasco, 1946) em que é visível a influência do discurso psicanalítico. Nestes textos é estabelecida uma relação entre a qualidade do ambiente familiar e a saúde mental das crianças, isto é, em vez de se estabelecer uma relação com a formação do carácter, salienta-se o seu reflexo no desenvolvimento socioemocional e na saúde mental da criança, como nos dá conta o excerto que se segue:

É necessária uma propaganda para chamar a atenção para a importância, de um lado, para a harmonia do lar e das relações familiares a fim de se impedir a eclosão de anomalias afectivas e de carácter, e por outro lado, para se desviar precocemente o aparecimento de anomalias e dar-lhes remédio desde a sua origem. (Robin, 1957, p. 4)

Num momento em que, devido à diminuição das taxas de mortalidade e morbilidade infantis e à crescente influência da psicologia no governo da conduta (Rose, 1999), se assiste a uma maior preocupação com a saúde mental da criança, a incorporação de alguns elementos do discurso *psi* constitui um indício de que existe da parte dos adventistas portugueses, no período pós II Guerra Mundial, uma maior atenção ao desenvolvimento socioemocional das crianças, ou, mais especificamente, aos factores que poderão constituir uma ameaça à sua saúde mental.

Tendo em conta que uma das principais preocupações dos adventistas é a preservação da saúde (White, 2007), o discurso acima transcrito, apesar de ter na sua base um discurso científico, oriundo das ciências *psi*, conforma-se com o discurso adventista, nomeadamente com a sua concepção do ser humano como “união indivisível” de corpo, alma e espírito, em que as “deficiências em uma área criam um embaraço nas outras duas” (Nisto cremos, 2017).

Como anteriormente referido, o respeito pela autoridade dos pais e a submissão das crianças à vontade destes, ou seja, a obediência, são elementos essenciais do ideário educativo dos conservadores protestantes (Bartkowski & Ellison, 1995, 2009; Bartkowski & Wilcox, 2000; Ellison & Bradshaw, 2009; Gershoff et al., 1999), grupo em que normalmente se inclui a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Note-se que esta é considerada uma dimensão essencial para o desenvolvimento da capacidade de auto-domínio, objetivo último da educação adventista. Assim, e uma vez que a criança não conhece a diferença entre o bem e o mal, os pais são responsáveis pela repressão das más tendências, aquelas com que a criança nasce (Dias, 1958) e aquelas que poderão surgir *a posteriori*, até que a criança seja capaz, por ela própria, de seguir o caminho da virtude, da integridade e da salvação. Como se explica num texto em que se define o que significa *obediência*:

Não se trata, como crêem muitos pais, de obrigar a criança a ceder a uma vontade superior, mas pelo contrário de dar-lhe os meios de dominar os seus impulsos, de escolher conscientemente entre diversos actos possíveis e de cumprir o seu dever. (... e Lar, 1953b)

Embora tenha sido observada por vários autores (Bartkowski & Ellison, 1995, 2009; Ellison & Bradshaw, 2009; Bartkowski & Wilcox, 2000; Gershoff et al., 1999) uma relação entre a concepção evangélica de infância, patente nos textos analisados (e.g- Crianças mimalhas, 1955; Dias, 1958), e a defesa dos castigos corporais, esta relação não é visível nos discursos veiculados na revista *Saúde e Lar*. Pelo contrário, ainda que a obediência seja valorizada e se considere que disciplinar as crianças é um dever dos pais, a utilização de castigos corporais é censurada (e.g. Fazendo do filho um amigo, 1950; Montessori, 1953). Como escreve António Correia (1945b), “os pais revelam a sua incapacidade como educadores logo no primeiro dia em que bateram na criança” (p. 7).

A obediência garante-se através do afeto, de uma “disciplina gentil” (Tornemo-lo atractivo, 1945, p. 21), uma “firmeza doce” (...e Lar, 1954, p. 17):

Os pais devem evitar a cega afeição indulgente e nunca manifestar severidade escusada. As crianças não podem ser educadas pela força. Podem ser conduzidas mas nunca arrastadas. Era assim que o próprio Jesus ensinava: «As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz e Eu conheço-as e elas Me seguem» (S. João, 10:27). Note-se que Jesus não disse: as Minhas ovelhas ouvem a Minha voz e são forçadas à obediência. Os pais nunca deveriam causar em seus filhos sofrimentos pela rudeza e por exacções não razoáveis. Administrem a lei do seu lar com prudência e amor e não com vara de ferro. Os filhos quererão obedecer com voluntária obediência à regra do amor. (Tornemo-lo atractivo, 1945, p. 21)

Por outras palavras, os pais deverão saber exercer a sua autoridade com firmeza, amor e bom senso, isto é, não satisfazendo “todas as vontades e atendendo a todos os caprichos das crianças” (Educando para a vida, 1951) e evitando comportamentos não só considerados prejudiciais, como os castigos físicos e o gritar, mas também reveladores de uma incapacidade de controlo das suas próprias emoções, ou seja, da ausência da qualidade que devem desenvolver nos seus filhos, o auto-domínio:

Algumas mães julgam que quanto mais gritarem a seus filhos, mais depressa eles aprenderão a obedecer. Cometem nisso um erro crasso. As crianças acostumam-se tanto a ouvir suas mães gritarem pelo menor motivo, que acabam por não lhes prestar atenção alguma. Se é necessário, fale-se ao menino com firmeza e energia, mas sem gritos, sem ameaças inúteis, sem ademanos de ira. Lembremo-nos também de que a ira é má conselheira. Mãe alguma que ame realmente os seus filhos os castigará num momento de ira. Procurará sempre dominar as suas paixões. Recobrada a serenidade, aplicará à criança o correctivo que mereça a sua má conduta. (Evitem-se os gritos, 1950, p. 21)

Face ao que foi acima exposto podemos afirmar que embora os castigos corporais sejam censurados, aspeto em que os discursos analisados divergem do ideário educativo adventista, a apropriação do discurso dominante é parcial,

uma vez que permanece a ênfase na necessidade de dirigir e controlar o comportamento da criança, de submeter a sua vontade à vontade dos pais, próprias do discurso adventista, em particular, e do discurso conservador protestante em geral (Bartkowski & Ellison, 1995, 2009; Bartkowski & Wilcox, 2000; Ellison & Bradshaw, 2009; Gershoff et al., 1999).

Embora os pais sejam considerados, inquestionavelmente, os principais responsáveis pela educação moral criança, e o lar o lugar privilegiado para a sua realização, emerge, nas páginas da *Saúde e Lar*, um discurso favorável à frequência de instituições de educação de infância, da autoria de António Correia (e.g. 1945a, 1946a, 1946b, 1947b, 1947c, 1949). Este é um discurso contrário ao ideário adventista, em que se defende que, até aos 8 anos, as crianças devem ser educadas em casa, pelos seus pais (White, 2007).

A frequência de jardins de infância é justificada pela necessidade de formar adultos “perfeitamente aptos para a agitada e exigente vida moderna” (Correia, 1947a), vida que não permite que os pais se ocupem adequadamente da educação dos seus filhos, quer pela falta de tempo (Correia, 1947c), quer pelo facto das mães trabalharem - “Se não só o pai mas também a mãe tem de ganhar e trabalhar fora de casa, como podem as crianças ser convenientemente atendidas e orientadas?” (Correia, 1946a).

Outro argumento invocado, neste contexto, é a ignorância dos pais, o seu desconhecimento dos preceitos científicos que devem reger a educação dos seus filhos tornando-se estes, por esse motivo, incapazes de garantir que estes são educados de uma forma adequada:

Temos de convencer-nos que a educação de uma criança não pode ser considerada como uma tarefa fácil e que possa ser abandonado ao sabor dos acontecimentos diários. Em cada momento se tem de estar atento e disposto a actuar pedagogicamente, de modo a cumprir-se satisfatoriamente a função de educador.

Claro que o problema é sempre o mesmo, isto é, a grande maioria dos pais, quer pela sua deficiente cultura quer pela pesada vida que actualmente suporta, não pode criar e educar convenientemente as crianças. Mais do que nunca se impõe uma luta constante pela criação de creches, parques e jardins infantis, com pessoal habilitado, e onde as nossas crianças vivam uma vida feliz e se desenvolvam física e mentalmente, seguindo os preceitos da ciência moderna. (Correia, 1947b)

Observa-se, assim, também em relação a esta dimensão, uma apropriação do discurso dominante sobre a educação das crianças, designadamente da ideia de que as crianças necessitam de ser educadas por pessoas conhecedoras dos princípios científicos de educação, oriundos das ciências da infância (Hulbert, 2004). Não nos podemos esquecer que, entre as atividades realizadas por esta Igreja, quer em Portugal, quer noutros países, se conta a construção de uma rede educativa, uma estratégia utilizada para garantir que as crianças frequentam escolas em que o ensino seja consentâneo com as suas crenças. Em certa medida, tal poderá ter contribuído para a apropriação do discurso em defesa da frequência de jardins de infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo a análise de discursos sobre a educação moral das crianças veiculado numa revista publicada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Portugal, *Saúde e Lar*, nas décadas de 40 e 50. A análise realizada permitiu-nos compreender que, embora fiel na sua essência ao ideário educativo adventista, designadamente na ênfase no respeito pela autoridade dos pais e, conseqüentemente, da obediência, e na enunciação dos valores e princípios que se considerava que os pais deviam transmitir aos seus filhos, tais como o gosto pelo trabalho ou a cortesia, existem diferentes dimensões em que se pode observar uma apropriação do discurso dominante acerca da educação das crianças, mais especificamente, na defesa de uma educação científica ou na incorporação algumas componentes do discurso psicanalítico. Tal leva-nos a concluir que no período em análise se assiste a um processo de negociação subcultural (Hoffman et al., 2017), ou seja, a uma apropriação seletiva da cultura dominante, observando-se a incorporação no discurso adventista de princípios educativos que não transformam, na sua essência, o ideário educativo, mas que nos dão conta de pequenas transformações na forma como os membros desta Igreja responsáveis por esta revista encaram a educação moral das crianças.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J. A., “Compromisso com a paz: Propostas educativas dos protestantes portugueses no post I Guerra Mundial”, *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, 53, (2018a), 66-82.
- AFONSO, J. A., “Educação popular dos movimentos protestantes portugueses - na monarquia constitucional e na 1ª República”, *Revista Relicário*, Uberlândia, 5(10), (2018b) 165-199.
- BARTKOWSKI, J., & ELLISON, C., “Divergent models of childrearing in popular manuals: Conservative protestants vs. the mainstream experts”, *Sociology of Religion*, 56(21), (1995), 21-34.
- BARTKOWSKI, J., & ELLISON, C., D. S. “Conservative Protestants on children and parenting”, Browning & B. J. Miller-McLemore (Eds.), *Children and childhood in American Religions*, 42-55, New Brunswick, Rutgers University Press, 2009
- BARTKOWSKI, J. P. & WILCOX, W. B., “Conservative protestant child discipline: The case of parental yelling”, *Social Forces*, 79(1), (2000), 265-290.
- BELLOTTI, K. K., “Alistando-se no invencível exército da página impressa: Cultura adventista no Brasil no século XX”, *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, 22(48), (2021), 850-874.
- BERSOT “Por que são nervosos nossos filhos?” *Saúde e Lar*, Lisboa, (1952, maio), 13-14.
- “Consultório familiar”. *Saúde e Lar*, (1951, Setembro), 14.
- CORREIA, A. “Como criar filhos normais?: Que fazer para lhes dar boa saúde? Como evitar desastres? Quais os bons divertimentos? Devemos empregar a pancada?” *Saúde e Lar*, Lisboa, (1945a, maio), 6-7.
- CORREIA, A., O meu filho é endiabrado... *Saúde e Lar*, Lisboa, (1945b, julho), 6-7.

- CORREIA, A. Pais como há muitos... *Saúde e Lar*, Lisboa,(1946a, julho), 4-5.
- CORREIA, A. Por que não criamos Parques Infantis? *Saúde e Lar*, Lisboa, (1946b, novembro), 8-9.
- CORREIA, A. Brinquedos. *Saúde e Lar*, Lisboa, (1947a, setembro), 18-19.
- CORREIA, A., Exageros dos pais. *Saúde e Lar*, Lisboa, (1947b, março), 16-17.
- CORREIA, A. Saber amar as crianças: O menino diz que não... *Saúde e Lar*, Lisboa, (1947c, julho), 6-7.
- CORREIA, A. Crianças-Prodígios. *Saúde e Lar*, Lisboa, (1949, janeiro), 18-19.
- “Crianças mimalhas”. *Saúde e Lar*, Lisboa, (1955, setembro), 17.
- DIAS, M. T. F., Crianças débeis. *Saúde e Lar*, Lisboa, (1958, agosto),18-19.
- “Educando para a vida”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1951, janeiro), 21.
- ELLISON, C. G. & BRADSHAW, M., “Religious beliefs, sociopolitical ideology, and attitudes toward corporal punishment”, *Journal of Family Issues*, Lisboa, 30(3), (2009), 320-340.
- “Evitem-se os gritos”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1950, março), 21.
- “Fazendo do filho um amigo”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1950, janeiro), 19.
- “... e Lar”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1953a, janeiro), 17.
- “... e Lar”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1953b, julho), 17.
- “... e Lar”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1954, junho), 17.
- GERSHOFF, E. T., MILLER, P. C., & HOLDEN, G. W., “Parenting influences from the pulpit: Religious affiliation as a determinant of parental corporal punishment”, *Journal of Family Psychology*, 13, (1999), 307 – 320.
- GODINA, L., “Religion and parenting: Ignored relationship?”, *Child and Family Social Work*, 19, (2014), 381-390.
- HOFFMAN, J. P., ELISSON, C. G., BARTKOWSKI, J. P., “Conservative protestantism and attitudes towards corporal punishment, 1986-2014”, *Social Sciences Research*, 63, (2017), 81-94.
- HULBERT, A., *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children*, New York, Vintage Books, 2004.
- LIMA, S. F. “As crianças também têm direitos”. *Saúde e Lar*, Lisboa, (1954, fevereiro), 13.
- MONTESSORI, M. “O complexo de inferioridade na criança”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1952, julho), 2-3.
- MONTESSORI, M. “Sem título”. *Saúde e Lar*, Lisboa, (1953, novembro), 7.
- Nisto cremos: As 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista*, Casa Publicadora Brasileira, 2017.
- “O ambiente familiar”, *Saúde e Lar*, Lisboa, (1957, janeiro), 10.
- PERRIN, R., MILLER-PERRIN, C., & SONG, J., “Changing attitudes about spanking using alternative biblical interpretations”, *International Journal of Behavioral Development*, 41(4), (2017), 1–9.
- PETRO, M. R., RICH, E. G., ERASMUS, C., & ROMAN, N. V., “The effect of religion on parenting in order to guide parents in the way they parent: A systematic review”, *Journal of Spirituality in Mental Health*, 20(2), (2018), 114-139.

JOSÉ MARÍA HERNÁNDEZ DÍAZ (COORD.)

LA PRENSA PEDAGÓGICA DE LAS CONFESIONES RELIGIOSAS Y ASOCIACIONES FILOSÓFICAS

- ROBIN, G., “A higiene mental e os primeiros princípios da educação”, Saúde e Lar, Lisboa, (1957, novembro), 4-5.
- ROSE, N., Governing the soul: The shaping of the private self, London, Free Association Books, 1999.
- SPALDING, A. W., “Camaradagem entre pais e filhos”, Saúde e Lar, Lisboa, (1952, janeiro), 10-11.
- STEARNS, P. N., Anxious parents: A history of modern childrearing in America, New York, New York University Press, 2003.
- TIÈCHE, M., “Famílias numerosas”, Saúde e Lar, Lisboa, (1952, novembro), 17-18.
- TIÈCHE, M., “Ensinai a cortesia a vossos filhos”, Saúde e Lar, Lisboa, (1953, novembro), 17.
- “Tornemo-lo atractivo”, Saúde e Lar, Lisboa, (1945, março), 21.
- WHITE, E. G., Fundamentos da educação cristã, Ellen G. White Estate, 2007.
- WHITE, E. G., Fundamentos do lar cristão, Ellen G. White Estate, 2003.
- WHITE, E. G., Orientação da criança, Ellen G. White Estate, 1954.
- VASCO, G., “O que se não deve fazer”, Saúde e Lar, Lisboa, (1946, março), 16-17.
- VILHENA, C., & FERREIRA, A. G., “Para bem formar uma personalidade normal. Discursos em revistas de Educação Familiar (1945-1958)”, Revista Brasileira de História da Educação, Maringá-PR, 14(2), (2014), 23-51.